

mago, e principalmente na mulher, as do utero, reagem poderosamente sobre o seu moral, resultando que os abalos da impressionabilidade se espiritualisam no cerebro, enquanto que ao contrario as affecções moraes se materialisam, de alguma sorte, nos plexos.

É indispensavel recorrer as luzes que nos ministra o estudo da psychologia-physiologica para se poder comprehender o phenomeno da loucura e suas variedades.

A alienação mental, provem muitas vezes de um vicio, ou de uma desordem nos orgãos que servem de communicações reciprocas entre o corpo e a alma. Nós só conhecemos os objectos, que nos rodeiam neste mundo, pelas impressões que fazem sobre nós, e que nossas lembranças reproduzem interiormente. É deste modo que se formam as imagens dos sonhos, e que um cego, dormindo, ainda goza do panorama da natureza.

Todos os nervos nos dão sensações, mas os orgãos dos sentidos estão em relação com os objectos externos, e os dos plexos com as emoções d'alma.

Muitos medicos se tem enganado sobre a séde das primeiras desordens, na alienação mental, por falta desta distincção. Com effeito a loucura é uma molestia do corpo, que perverte suas relações com a alma: mas ella começa pelos trabalhos do pensamento, quando sua origem é na cabeça, e pela dos sentimentos, quando ella é primitivamente devida á affecção dos plexos. Algumas pessoas confundem tristeza, hypocondria e todas as affecções melancolicas, com a loucura. Estas molestias são sempre o resultado de perturbações nos plexos.

Se reflectir-se que o grande sympathico e suas dependencias repetem as emoções d'alma e as reproduzem, sem duvida vê-se-ha que as contracções dos plexos, as obstrucções, que embaraçam seu jogo, e geralmente tudo aquillo que affecta estes aparelhos nervosos, devem perturbar o nosso ser moral, mas não desviam nosso juizo sobre a existencia das cousas; porque a contracção dos plexos se limitam a reflectir o estado d'alma sem tomar conhecimento da causa. As pessoas atacadas de melancolia sentem vapores sombrios, que as levam á um desespero tal, que terminam pelo suicidio: tal é o resultado do spleen.

Tendo reconhecido no doente de que se

trata perturbações nos plexos para poder explicar as ancias e gritos, á que elle se vê obrigado á manifestar, para desafogar o peito—como elle se explica—conservando as faculdades intellectuaes em seu perfeito estado, continuo á affirmar, conscienciosamente, que o examinando não está louco.

BIBLIOGRAPHIA

OS THANATOPHIDIOS DA INDIA OU DESCRIÇÃO DAS COBRAS VENENOSAS DA PENINSULA INDICA, ACOMPANHADA DE UMA SERIE D'EXPERIENCIAS SOBRE A ACÇÃO DO VENENO E SOBRE O TRATAMENTO DAS MORDEDURAS.

Por J. Fayrer, medico honorario da rainha, professor de cirurgia no Collegio medico de Calcutá, etc.

D'esta importante obra que mereceu a seu author uma carta laudatoria da rainha de Inglaterra, e que incontestavelmente é a mais completa sobre o interessante assumpto que seu titulo annuncia, desejamos dar aos leitores da *Gazeta Medica* uma noticia que não poderá deixar de ser um pouco extensa, avista das numerosas e importantes questões de que se occupa aquelle trabalho, em estylo já bastante condensado, e da grande utilidade que estes conhecimentos podem trazer aos habitantes d'um paiz, como o nosso, em que abundam as cobras venenosas.

Na India, diz o author no prefacio de sua obra, a mortalidade annual por mordedura de cobra é muito grande, e se o conhecimento d'estes reptis e seus habitos pudesse tender de alguma sorte a sua diminuição, satisfeito seria seu fim principal na producção d'esta obra.

Procura dar uma descripção de todas as formas principaes de cobras conhecidas na India, mostrando a acção de seu veneno sobre o homem e sobre os animaes inferiores.

Na descripção dos caracteres das cobras, e suas classificações e definições, auxilia-se tambem dos trabalhos de authores de alta reputação, como Günther, Owen e Huxley.

Na parte em que se occupa das experiencias praticadas com o fim de conhecer a acção do veneno e o effeito produzido pelos differentes remedios empregados até os ultimos dias, o author estende-se mais sobre o assumpto, e a obra se torna especialmente notavel pela grande serie de casos, acompanhados das mais

minuciosas informações, que enriquecem a physiologia experimental e a therapeutica d'esta importante materia.

Tratando em primeiro lugar das generalidades sobre os ophidios, o author distingue n'esta ordem, da sub-classe dos reptis, tres subdivisões:

1.º Ophidios colubriformes, cobras innocentes.

2.º Ophidios colubriformes venenosos ou serpentes colubrinhas venenosas.

3.º Ophidios viperiformes ou serpentes viperinas venenosas.

Occupa-se especialmente das duas ultimas sub-ordens, sob a designação de thanatophidios, precedendo a descripção dos generos e especies naturaes da Presidencia de Bengala por observações geraes sobre os caracteres das 3 sub-ordens, e especialmente dos que distinguem as cobras innocentes das venenosas, e quanto ás ultimas, os caracteres que distinguem as formas colubrina e viperina.

Passando por alto os caracteres communs ás 3 sub-ordens, nos deteremos no ponto mais interessante, a relativa aos caracteres que distinguem as cobras venenosas das que não o são.

De 21 familias bem conhecidas na India aos naturalistas, o author distingue 4 familias venenosas, que se comprehendem em 2 grupos:

Elapides	} Colubrinhas
Hydrophides	
Viperides	} Viperinas
Crotalides	

Estas 4 familias comprehendem 15 generos.

As mais terriveis das colubrinhas venenosas conhecidas na India são a *Ophiophagos elaps* e *Naja tripudians*, das Viperides a *Daboia russella*, provavelmente, segundo Fayrer, a mais terrivel das viboras conhecidas; e das Crotalides a *Trimesurus*. Da familia das Crotalides todos os membros conhecidos na India são menos formidaveis que seus congeneres n'África e n'America, onde são muito conhecidos a *Crotalus horridus* ou cobra cascavel, e a *Craspedocephalus braziliensis*, a jararaca.

« Na structura particular dos maxillares está um dos principaes caracteristicos das especies venenosas e não venenosas dos ophidios. Os ossos que compoem os maxillares superiores e as abobodas palatinas, assim como as mandibulas, são livremente moveis, sendo as ultimas frouxamente suspensas aos ossos tympanicos e unidas na parte anterior por ligamentos. Os ossos mastoideos com os quaes se

articulam os tympanicos, são tambem moveis, de sorte que a distensibilidade é muito grande, como carece de ser para poder a cobra engulir preza muito maior em diametro do que ella mesma. »

« O mechanismo da deglutição nos Ophidios é muito notavel; a boca póde abrir-se não só verticalmente como transversalmente; e ainda mais, cada metade lateral tem o poder de mover-se separada e independentemente; poder que se põe em acção quando a preza é engolida. Pela acção continua dos maxillares e dos dentes, o animal, levado ao alcance da boca é lentamente apprehendido e engolido; é primeiro firmemente seguro pelos dentes agudos recurvados, depois um lado da maxilla descrava os dentes e avança para implantar-se mais longe; o mesmo processo é repetido alternadamente de cada um dos lados, até que a preza finalmente se põe ao alcance da garganta. »

O processo da deglutição é semelhante nas cobras venenosas e não venenosas; mas dão-se no arranjo dos dentes certas modificações, cuja distincção principal consiste nas cobras venenosas nos dentes maxillares que são nestas prezas longas, agudas, recurvadas e perfuradas, atravez das quaes o veneno de secreção da glandula é hypodermicamente injectado no animal mordido.

Sobre a dentição das serpentes em geral, observa-se o seguinte:

As formas não venenosas tem duas fileiras de dentes no maxillar superior, a externa ou maxillar, e a interna ou palatina.

No maior numero a fileira externa tem 20 a 25-dentes: posto que em alguns do mesmo genero, como *Tortrix*, *Homolopsis*, sejam menos numerosos.

Nas cobras venenosas typicas o osso maxillar é muito curto, e a fileira externa é apresentada por uma só preza, longa, tubular, que é firmemente ankylosada no osso maxillar movel com frouxas prezas de reserva na dobra da mucosa que a cerca.

« As pregas venenosas perfuradas ou sulcadas, são firmemente fixas no osso maxillar, e são cobertas por uma dobra ou capsula da membrana mucosa, na qual estão invaginadas, e na qual jazem ainda soltos diversos dentes do veneno, de reserva, em diferentes periodos de crescimento, até que algum delles seja chamado a substituir a perda da preza actual.

A preza que lhe succede ankylosa-se então

ao osso maxillar e communica com o ducto da glandula do veneno. »

« Os ossos maxillares nas cobras venenosas teem uma ou duas prezas sulcadas, das quaes só uma de cada lado é effectiva. »

Os musculos em cuja descripção anatomica se estende o auctor, são dispostos de forma que abrem a boca vertical e transversalmente, comprimem a glandula do veneno, e impellem o veneno injectado atravez da preza que por uma acção simultanea e combinada dos musculos, e movimento consequente do osso, torna-se erecta e fixa nesta posição enquanto é inflingido o golpe mortifero, pelo qual as prezas são implantadas no animal apprehendido pela cobra. »

« As glandulas do veneno estão situadas atraz dos olhos, na parte anterior dos ossos tympanicos. São corpos ovaes, do tamanho, pouco mais ou menos, de uma amendoa, na cobra de capello. A estructura consiste n'uma serie de tubulos allongados, divergindo do ducto principal.

Os lobos são divididos em lobulos, e estes em caecos.

Segregado por estes, o veneno é levado pelo ducto á base das prezas na capsula da membrana mucosa que a cerca. Estas glandulas são de forma e tamanhos diferentes nas diversas familias de cobras, mas são todas modificações da structura descripta.

A glandula é cercada d'uma capsula, e parcialmente coberta por fibras do musculo masseter, cuja acção, ao fechar a maxilla, comprime ao mesmo tempo a glandula e ejecta o veneno atravez do ducto no dente canalizado.

« A secreção da glandula varia muito em cor e viscosidade nas diferentes cobras, mas a apparencia geral é a de um liquido claro, ligeiramente viscoso, solúvel n'agua e ligeiramente acido na reacção. Manifesta seus effeitos mortiferos mais poderosamente, si inoculado no sangue quando a cobra está fresca e vigorosa, no tempo quente, e quando não tem mordido por algum tempo. Parece obrar atravez da circulação, paralyzando os centros nervosos, e assim destruindo a força vital. Mas, creio sem duvida, que não obstante tudo quanto se tem dito em contrario, elle é susceptivel d'absorção atravez das membranas mucosas, com as quaes é posto em contacto, posto que com effeitos muito menos perigosos do que quando é introduzido no sangue.

Em certas experiencias em que o veneno da

Cobra (1) foi posto sobre a conjunctiva de cães, os symptomas d'envenenamento se manifestayam rapida e fortemente, posto que não fossem fataes em todos os casos. »

Ha differenças na acção do veneno das diferentes familias; assim, o veneno da Naja mata sem destruir a coagulabilidade do sangue, ao passo que o da Vibora a Daboia produz fluidez completa e permanente do sangue. Isto dá-se nos animaes inferiores. No homem nem sempre é assim, apparentemente.

« O veneno póde ser diluido com agua, ammoniacco ou alcool, sem se destruirem suas propriedades mortiferas

« Póde ser guardado por mezes ou annos, secco, entre laminas de vidro, e ainda conservar sua virulencia.

« E' susceptivel d'absorção atravez das membranas delicadas, e portanto não póde ser seguramente applicado a quaesquer superficies mucosas, posto que sua virulencia seja sem duvida muito diminuida na endosmose. »

« Mata quando é introduzido no estomago, quando é posto no olho, ou applicado no peritoneo. O principe de Canino, L. Bonaparte, deu em 1843 uma analyse do veneno da vibora (*Pelias berus*), e mostrou a presença d'um principio representando a ptyalina da saliva, o qual chamou viperina. Achou tambem albumina e materia mucogordurosa, substancias soluveis no alcool, materia corante amarella e materias salinas.

« A analyse elementar da viperina ainda não foi feita; parece que ella obra por uma força catalytica, mata por uma influencia occulta sobre os centros nervosos. A viperina é uma substancia neutra e muito instavel.

« Tem-se dado os nomes de echdnina e crotalina a principios semelhantes derivados d'outras cobras, e que são sem duvida identicos.

« O veneno obra muito rapidamente nos passaros e mamíferos, e menos nos animaes de sangue frio; porem os peixes, rans, molluscos, e cobras não venenosas são destruidos por elle, e morrem muito rapidamente.

« Não tenho podido ainda certificar-me positivamente, de muitas experiencias n'este sentido, diz Fayrer, se as cobras venenosas são absolutamente insensíveis a seu proprio veneno ou ao veneno das outras; mas em grande parte certamente são assim.

« Repetidas vezes, diz elle, fiz Cobras e Daboias se morderem a si mesmas, ou umas ás

(1) Pela expressão *Cobra*, gñphada como aqui, se entenderá sempre n'este escripto a *Cobra de Capello*.

outras, e nunca pareceram alterar-se com isto. Porem creio que o veneno tem effeito em cobras de character menos mortifero, e comquanto tenho visto geralmente escapar a *Bungarus*, comtudo vi occasionalmente a morte d'uma d'estas depois da mordedura por uma *Cobra*, o que, creio, se podia com alguma razão attribuir ao veneno, »

As cobras não venenosas morrem rapidamente: a *Ptyas*, cobra grande, vigorosa e feroz, posto que não venenosa, succumbe dentro d'uma hora, pouco mais ou menos, á dentada d'uma *Cobra*.

« A carne dos animaes mortos pelo veneno da cobra parece não ser affectada; animaes e homens comem-a impunemente. Os serventes e *Dhones* que acompanhavam muitas experiencias, comiam as aves envenenadas.

O sangue d'um animal morto pelo veneno da cobra, é tambem por si venenoso; e se é injectado n'um animal, rapidamente manifesta seus effeitos venenosos.

« Transmitti o veneno, diz Fayrer, n'uma serie de tres animaes com resultado fatal. Tenho tido pouca ou nenhuma opportunidade de estudar os effeitos locais do veneno, pois a morte occorria tão rapidamente que não havia tempo para alterações locais ou secundarias. »

Os ophidios são oviparos e viviparos. As *colubrinas* são geralmente oviparas, e as *viperinas* são viviparas.

Nos climas frios e temperados as cobras hibernam ou ficam em estado de lethargo ou de torpor. Diferem muito no modo de vida, de habitação, alimentação, etc.; posto que sejam todas carnivoras, sustentam-se em molluscos, insectos, reptis, passaros, mamíferos, ovos e leite. Tem-se lhes achado materias vegetaes no estomago, mas as cobras são essencialmente carnivoras, e a maior parte d'ellas, senão todas, tomam só o alimento enquanto vivo.

« Independentemente da classificação natural ordinaria, as cobras se subdividem do modo seguinte;

Cobras d'arvores as que vivem pela maior parte em arvores ou moitas, e são caracterizadas pelas cores brilhantes, geralmente verdes, pela forma esbelta, em figura de chicote, e pela grande actividade. As cobras não venenosas, quer *colubrinas*, quer *viperinas*, estão comprehendidas n'esta secção.

Cobras d'agua: são d'agua salgada ou d'agua doce; as primeiras são todas venenosas, e as segundas, todas innocentes. As cobras d'agua salgada tem uma forma particular, adaptada a

seu modo de vida,—cauda achatada, e ventas acima do focinho; são todas venerosas, e muitas, senão todas, viviparas. As cobras d'agua doce tem as ventas como as d'agua salgada. Vivem n'agua doce, posto que possam encontrar-se como as outras n'agua salobra; não tem a cauda achatada, são viviparas, e pertencem todas á sub-ordem das *colubrinas não venenosas*.

Cobras de terra. Tem representantes nas tres sub-ordens. Vivem geralmente na superficie da terra. São mais ou menos cylindricas na forma, e muito flexiveis no corpo. O maior numero das cobras estão n'esta secção.

Cobras de covis ou *subterraneas*: vivem muito abaixo da superficie da terra; tem um corpo cylindrico rigido, cauda curta, boca estreita e dentes pequenos. Nada d'escamas no ventre; são todas innocentes.

(Continúa.)

A. P.

NOTICIARIO

Acção paralyzante do chloral.—Está demonstrado que o chloral empregado durante um certo tempo produz uma hyperemia da pelle e um erythema diffuso da face e do peito, que o Dr. Brown-Sequard attribue a uma paralyzia temporaria dos vasos motores da cabeça e do pescoço.

Em 600 alienados, cuja direcção está confiada ao Dr. Crichton-Browe no asylo West Riding, no Yorkshire, esta hyperemia appareceu em 19 alienados sobre 40 tratados pelo chloral. Se o uso é prolongado, diz o Dr. Crichton, esta acção paralyzante póde estender-se á medulla alongada e espinal, e produzir a paralyzia das extremidades. Eis dois factos que confirmam esta opinião.

A dois monomaniacos, com verdadeiros accessos de excitação e de insomnia, o Dr. Manning prescreveu 25 centigrammas de chloral duas vezes por dia a um, e o dobro ao outro, dando em seguida 150 a 200 centigrammas por noite.

Depois de sete a oito semanas de tratamento os doentes estavam todos deprimidos e fracos, que não podiam andar nem pôr uma perna diante da outra. Uma verdadeira paralyzia se manifestou ao mesmo tempo em ambos. Suspendeu-se o chloral e den-se-lhes